



UNIVERSIDADE FEDERAL DE CAMPINA GRANDE
UNIDADE ACADÊMICA DE EDUCAÇÃO
CENTRO DE FORMAÇÃO DE PROFESSORES.

CAMILA BARBOSA LISBOA

**FORMAÇÃO E DESAFIOS DA PRÁTICA DOCENTE NA
ALFABETIZAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS**

CAJAZEIRAS-PB
Setembro de 2017

Camila Barbosa Lisboa.

**FORMAÇÃO E DESAFIOS DA PRÁTICA DOCENTE NA
ALFABETIZAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS.**

Monografia apresentada ao Curso de Pedagogia do Centro de Formação de Professores da Universidade Federal de Campina Grande, Campus de Cajazeiras, como requisito obrigatório para a obtenção do grau de Licenciado em Pedagogia.

Orientador: Prof. Dr. Dorgival Gonçalves Fernandes

Cajazeiras – PB
Setembro de 2017

Dados Internacionais de Catalogação-na-Publicação - (CIP)
Josivan Coêlho dos Santos Vasconcelos - Bibliotecário CRB/15-764
Cajazeiras - Paraíba

L769f Lisboa, Camila Barbosa.
Formação e desafios da prática docente na alfabetização de jovens e adultos / Camila Barbosa Lisboa. - Cajazeiras, 2017.
43f.
Bibliografia.

Orientador: Prof. Dr. Dorgival Gonçalves Fernandes.
Monografia (Licenciatura em Pedagogia) UFCG/CFP, 2017.

1. Formação de professores. 2. Alfabetização de jovens e adultos. 3. Prática docente - desafios. I. Fernandes, Dorgival Gonçalves. II. Universidade Federal de Campina Grande. III. Centro de Formação de Professores. IV. Título.

UFCG/CFP/BS

CDU - 377.8

CAMILA BARBOSA LISBOA

FORMAÇÃO E DESAFIOS DA PRÁTICA DOCENTE NA
ALFABETIZAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS

Monografia apresentada ao curso de Licenciatura em Pedagogia do Centro de Formação de Professores da Universidade Federal de Campina Grande, como requisito parcial para obtenção do título de Graduação em Pedagogia, Licenciatura.

Orientador: Prof. Dr. Dorgival Gonçalves Fernandes

Aprovado em: 04/09/17.

BANCA EXAMINADORA



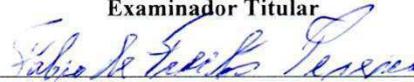
Prof. Dr. Dorgival Gonçalves Fernandes – UAE/CFP/UFCG

Orientador



Prof. Dr. Wiama de Jesus Freitas Lopes – UAE/CFP/UFCG

Examinador Titular



Prof. Dr. Fábio de Freitas Pereira – UAE/CFP/UFCG

Examinador Titular

DEDICATÓRIA

Dedico esse trabalho ao meu pai Elias e à minha mãe Cleonice que me geraram a vida, e confiarem no meu potencial, ao meu irmão Ezequiel e ao meu noivo Ronaldo que sempre estiveram comigo me dando apoio nos momentos mais difíceis.

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente a Deus, por ser essencial em minha vida, autor do meu destino, meu guia, socorro presente na hora da angústia, o que seria de mim sem a fé que tenho nele. Ao meu pai Elias e à minha mãe Cleonice, ao meu irmão Ezequiel e meu noivo Ronaldo.

Ao meu querido orientador Prof. Drº Dorgival Gonçalves Fernandes que tanta ajuda forneceu para que este trabalho fosse concluído com o êxito esperado. Muito obrigado por toda dedicação e paciência;

Aos meus familiares (tios, tias, avó paterna, avôs materno e paterno in memoria, primos), amigos em especial a minha amiga e irmã Josélia Braz pelo apoio e palavras carinhosas de incentivo nos momentos que pensei em desistir.

Aos alfabetizadores da alfabetização de jovens e adultos pela contribuição para que essa pesquisa fosse realizada. A todo corpo docente da instituição de ensino que abriu as portas para que eu, na condição de pesquisadora, pudesse realizar a coleta de dados.

À turma de licenciatura em Pedagogia 2013.1 por sempre estar comigo na busca da realização deste sonho. Foram muitos momentos vividos juntas como uma família que constituí ao longo destes quatros anos de curso. Apesar das diferenças, todas nós buscamos juntas a realização e concretização do nosso sonho que é a conclusão desse curso de Pedagogia. Obrigada, meninas, por deixar-me fazer parte desta família! Cada uma tem um lugar no meu coração. Irei sentir muita falta dos momentos que vivenciamos juntas.

Enfim, agradeço a todos que contribuíram diretamente ou indiretamente para que esse trabalho fosse concluído com sucesso, meu muito obrigado a todos que tiveram paciência comigo em momentos de tensão e empenho, me ajudando a conquistar o que já conquistei até o presente momento.

Gosto de ser gente porque, inacabado, sei que sou um ser condicionado, mas consciente do inacabamento, sei que posso ir mais além dele. Esta é a diferença profunda entre o ser condicionado e o ser determinado.

(FREIRE, 1997)

RESUMO

O presente estudo analisa a formação e os desafios da prática docente na alfabetização de jovens e adultos. Tem como principal objetivo problematizar as condições de trabalho dos alfabetizadores de jovens e adultos e o processo de formação docente específica para desenvolver o processo de ensino e aprendizagem, levando em consideração os desafios encontrados na prática docente desses sujeitos alfabetizadores. A pesquisa foi realizada no turno noturno em uma escola municipal localizada na cidade de Triunfo-PB. Os dados para a pesquisa foram coletados a partir de entrevistas individuais realizadas com quatro alfabetizadores de jovens e adultos. Esses dados foram processados por meio de técnicas de análise de conteúdo, de acordo com Bardin. Os resultados das análises mostram que os alfabetizadores enfrentam muitas dificuldades, porém o desejo de alfabetizar é maior e assim buscam superar essas dificuldades a partir de si mesmas, sem apoio especializado. As maiores dificuldades são a baixa autoestima dos alunos, a desmotivação desses e a evasão escolar total ou parcial. Quanto à formação docente direcionada para o trabalho na educação de jovens e adultos, as alfabetizadoras alegaram não tê-la. Essa formação não é solicitada pela instituição de ensino e nem é ofertada adequadamente como formação continuada.

PALAVRAS-CHAVES: Formação Docente. Alfabetização de Jovens e Adultos. Desafios da Prática Docente.

ABSTRAT

This study analyzes the training and challenges of teaching practice in youth and adult literacy. Its main objective is to problematize the working conditions of youth and adult literacy teachers and the process of specific teacher training to develop the teaching and learning process, taking into account the challenges encountered in the teaching practice of these literacy subjects. The research was carried out in the night shift at a municipal school located in the city of Triunfo-PB. The data for the research were collected from individual interviews conducted with four young and adult literacy teachers. These data were processed using content analysis techniques, according to Bardin. The results of the analyzes show that literacy teachers face many difficulties, but the desire to literate is greater and so seek to overcome these difficulties from themselves, without specialized support. The greatest difficulties are the low self-esteem of students, their demotivation and total or partial school dropout. As for the specific teacher training to work in the education of young people and adults, the literacy teachers claimed not to have it. This training is not requested by the educational institution and is not adequately offered as continuing education.

Key-words: Teacher Training. Literacy for youth and adults. Challenges of Teaching Practice.

Sumário

Introdução.....	11
1. Referencial teórico.....	14
1.1. O Analfabetismo no Brasil.....	14
1.2. A EJA é um direito do cidadão e dever do Estado.....	16
1.3. Como acontece o processo de alfabetização na EJA.....	17
1.4. Dificuldades encontradas pelos alfabetizadores.....	18
2. Percurso Metodológico.....	20
3. Análise de dados.....	23
3.1. O processo de ensino e aprendizagem da alfabetização de jovens e adultos: dificuldades, soluções e formação docente.....	23
3.2. A formação docente dos alfabetizadores e o processo de ensino e aprendizagem na EJA.....	25
3.3. Dificuldades enfrentadas por esses alfabetizadores na sala de aula da EJA.....	27
3.4. Soluções ou estratégias desenvolvidas por esses alfabetizadores para lidar com essas dificuldades encontradas por eles na sala de aula da EJA.....	31
4.5. Posicionamento do Estado e da instituição de ensino para com a formação destes alfabetizadores.....	33
Considerações finais.....	35
Referências.....	37
Apêndices.....	38

Introdução

Este trabalho é situado no campo de estudos da Educação de Jovens e Adultos - EJA, e busca compreender as dificuldades que os/as alfabetizadores/as de jovens e adultos enfrentam para desenvolver o processo de alfabetização de jovens e adultos no dia a dia dentro da sala de aula e o modo como a formação docente interfere na solução de tais dificuldades.

A escolha desse tema surgiu a partir do meu interesse por essa área no decorrer do curso de Pedagogia, como também a partir da experiência que vivenciei na EJA, trabalhando durante 01 ano como alfabetizadora. Nesse trabalho pude ver de perto as dificuldades vivenciadas no processo de alfabetização dos educandos jovens e adultos. Assim, a necessidade de estudar esse tema surgiu da necessidade de entender melhor como funciona o trabalho com a alfabetização de jovens e adultos, a atuação do alfabetizador na EJA e as dificuldades a serem superadas pelo alfabetizador para desempenhar o seu trabalho de modo satisfatório, e como a formação docente influi nesse processo.

Neste sentido, o tema desta pesquisa tem uma relevância significativa para mim, enquanto estudante e futura educadora, sendo de grande importância para o meu processo de formação, pois como docente, pretendo atuar na modalidade de educação de jovens e adultos. Isto por entender que a EJA tem sido uma modalidade que precisa ser melhor desenvolvida, crescendo no Brasil, porém não tem sido uma ferramenta eficaz pelo governo e pela sociedade para acabar ou diminuir o analfabetismo no nosso país. É assim que considero esse tema importante para ser pesquisado e contribuir para quem deseja estudá-lo e entender melhor e futuramente trabalhar nesta modalidade de ensino.

A pesquisa tem como problemática o modo como os alfabetizadores de jovens e adultos lidam com as dificuldades do processo de alfabetização e como a sua formação docente colabora, ou não, para que possam enfrentar essas dificuldades. Assim, justifica-se a nossa preocupação e interesse de estudar e entender as diversas formas que esses educadores encontram para lidar com os problemas que surgem no processo de alfabetização de jovens e adultos.

É minha pretensão que essa pesquisa possa trazer diversas contribuições para a minha formação, bem como para a formação de outros educadores, não só a acadêmica, mas também a pedagógica e a social como sujeito que está em constante processo de aperfeiçoamento profissional e cidadão, para assim poder causar impactos positivos nessa modalidade de educação, e também despertar outros interessados em trabalhar com esse tema e atuar na EJA,

pois nosso interesse é contribuir para o reconhecimento profissional e social do alfabetizador que trabalha na área da EJA.

A Educação de jovens e adultos é uma modalidade de ensino que atende jovens e adultos que não puderam ou conseguiram concluir seus estudos da educação básica, na idade considerada apropriada. A literatura da área da EJA tem apontado as dificuldades encontradas nessa modalidade de ensino, e dentre essas, se destaca especialmente a que se refere à formação e qualificação de docentes para lecionar nesta área.

Como afirma Soares (2006).

[...] formação do educador tem estado presente nas reuniões de professores, seminários, fóruns e encontros de educação de jovens e adultos. Simultaneamente aos debates sobre o direito dos jovens e dos adultos à educação, as políticas para EJA, as condições físicas de oferta da EJA, as propostas curriculares e os recursos didáticos, a temática sobre a formação do educador no campo da EJA têm ocupado cada vez mais lugar de destaque. Sendo uma entre tantas questões discutidas na EJA, a formação vem sendo colocada como uma das estratégias para se avançar na qualidade da educação. (SOARES, 2006, p, 10).

Para atuar como alfabetizador da educação de jovens e adultos, o educador deve estar preparado tanto academicamente como pedagogicamente e emocionalmente, pois as dificuldades são muitas, como por exemplo, a ansiedade e o nervosismo que alguns alunos desenvolvem por não conseguir avançar no processo de alfabetização no ritmo por ele desejado, ou o desânimo, a frustração e a conseqüente desistência do processo por não conseguir acompanhar a maioria dos colegas. Outro fato que requer essa preparação é a diversidade nos níveis de alfabetização dos alunos, de faixa etária, pois nas salas de alfabetização de EJA se encontram alunos adolescentes, jovens, adultos e idosos que têm interesses e ritmos diferentes em relação à aprendizagem.

A EJA existe no Brasil desde o período colonial, mas foi de fato a partir dos anos de 1940 que essa modalidade passou a ser pensada e organizada pelo Estado, como afirma Strelhow (2010). Nessa época os alfabetizadores da EJA não possuíam nenhuma formação específica, apenas o magistério, destinado ao ensino infantil, e outros tinham apenas o nível escolar que hoje conhecemos como ensino médio, e muitos outros ainda estavam a cursar o que hoje conhecemos como ensino fundamental. Hoje, para que possam lecionar na EJA, os profissionais precisam ser formados e preparados, ou seja, a profissionalização do educador para atuar na EJA tem se tornado mais necessária para as práticas educativas e essa questão tem sido bastante considerada em fóruns de debate. Mas, mesmo assim, ainda hoje encontramos alfabetizadores que não tem formação destinada ao trabalho com jovens e adultos, ou mesmo, que não tem nenhuma formação pedagógica.

Desejamos que o resultado desse trabalho possa contribuir com mais conhecimentos para e sobre a modalidade de ensino da EJA e enfatizar a importância deste tema para despertar o interesse de outros educadores para atuarem na área.

Desse modo o nosso trabalho tem como objetivo geral: Analisar as dificuldades enfrentadas pelos alfabetizadores de jovens e adultos e o modo como eles lidam com as dificuldades do processo de ensino e aprendizagem, considerando-se a sua formação docente. Além do objetivo geral para realizar nossa pesquisa precisaremos elaborar três objetivos específicos que são: Verificar como ocorre o processo de alfabetização na Educação de jovens e adultos; Identificar as dificuldades enfrentadas pelos alfabetizadores da EJA e as demandas de formação docente; Apontar como os alfabetizadores da Educação de jovens e adultos buscam solucionar essas dificuldades. Esses objetivos são elaborados no intuito de fazer com que o pesquisador tenha noção para qual direção segue seu trabalho.

O nosso trabalho é dividido em três seções que são o referencial teórico, no qual abordaremos questões sobre os fatores que influenciam na educação de jovens e adultos, como por exemplo, o analfabetismo no Brasil. Na seção dois será abordada a questão de como será realizada a pesquisa, isto é, os métodos utilizados para coletas de dados essa seção será nomeada como recurso metodológico, em seguida será as análises de dados que relatará os caminhos percorridos e os resultados obtidos pela pesquisa, além da introdução e considerações finais.

1. Fundamentação teórica

Nesta seção apresentaremos pressupostos elementares para fundamentar nosso trabalho. Ao longo desta seção iremos abordar alguns tópicos nos quais mostraremos a direção que nossa pesquisa seguiu. Já os detalhes da pesquisa serão discutidos na terceira seção que é o da análise dos dados.

Para fundamentar nosso trabalho usaremos o pensamento de teóricos como Freire (1996), Soares (2006), Campelo (2009), Esteves (2014), entre outros, que abordam sobre a importância da alfabetização de jovens e adultos, além da formação que o docente precisa ter para lecionar nessa modalidade de ensino.

Falaremos também sobre as dificuldades que a pessoa analfabeta enfrenta na sociedade atual onde tudo gira em torno da leitura e escrita, além de abordarmos a questão que leva o Brasil a ser ainda um país com alto índice de analfabetismo. Também discutiremos sobre o direito que o cidadão brasileiro tem à educação, bem como o dever do Estado para garantir esse direito.

Apresentaremos à luz da teoria como ocorre o processo de alfabetização na EJA, como os discentes são alfabetizados e como os alfabetizadores se comportam mediante a tarefa de alfabetizar, além das dificuldades que os docentes encontram durante o processo de alfabetizar em sala de aula.

Todos esses pontos citados acima estarão no decorrer do capítulo organizados em quatro tópicos, que são: 1 - Analfabetismo no Brasil, 2 - EJA é um direito do cidadão e dever do Estado, 3 - Como acontece o processo de alfabetização na EJA, 4 - Dificuldades encontradas pelos alfabetizadores.

1.1 O Analfabetismo no Brasil

Enquanto estudante do curso de Pedagogia e como futura educadora, é impossível falar sobre alfabetização, sem abordarmos a questão do analfabetismo. De acordo com Campelo (2009), o analfabetismo é o estado ou a condição de analfabeto que determinado indivíduo encontra-se, isto é, não sabe ler, escrever e contar de modo eficiente. Assim, poderemos observar que existem dois tipos de analfabetismo. O primeiro é o total citado acima por Campelo (2009) e o segundo é o funcional, que acontece quando o indivíduo sabe ler e escrever, mas não tem a capacidade de interpretar o que lê ou escreve.

Segundo Campelo (2009), o analfabetismo funcional ocorre quando o sujeito sabe ler e escrever, porém, ele possui uma dificuldade de compreender ideias explícitas e implícitas

contidas em um texto, e emitir um juízo crítico sobre as mesmas, ele lê, mas não consegue fazer uma interpretação da informação que lhe está sendo dada; assim, também ele não consegue questionar, opinar, criticar sobre o que está escrito em um texto.

Segundo estatísticas do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística – IBGE (2016), o Brasil é o oitavo país com o maior número de analfabetos adultos do mundo, isso é muito preocupante, principalmente por que o analfabeto encontra dificuldades, que estão relacionadas a diversos fatores, tais como o emprego, a comunicação, sem falar da exclusão social, pois vivemos em um mundo de tecnologias, a maioria dos trabalhos exige níveis de leituras, isto é, graus de estudos que vão do fundamental ao ensino superior, essa imposição depende de cada tipo de trabalho. Em relação à comunicação, não tem sido diferente, como por exemplo, em uma cidade grande é necessário que o sujeito para locomover-se, utilize transportes públicos, como ônibus, trens, metrô etc. Para utilizar os ônibus, por exemplo, o passageiro precisara ler e saber qual a estação e o nome da linha que todos os ônibus fazem, só assim ele poderá embarcar e chegar ao seu destino, para quem é analfabeto (a), essa simples tarefa torna-se algo muito difícil de fazer, pelo fato de não saber ler. No tocante a exclusão social, devido à falta de leitura e domínio tecnológicos esses indivíduos acabam sendo excluídos de determinado grupo social, tendo em vista que na sociedade contemporânea que vivermos cada vez mais a tecnologia domina o convívio social e a vezes para dominar bem esse meio tecnológico o sujeito precisara saber ler e escrever como é o caso de uma troca de mensagens por exemplo.

Como é afirmado em uma publicação da UNESCO (2008):

Um aspecto que unifica esse grupo, no entanto, é o fato de que seus integrantes não correspondem às expectativas sociais relacionadas à escolarização e aos diversos usos da linguagem escrita – o que afeta suas vidas, restringindo os lugares sociais que podem ocupar, as possibilidades e os recursos de que podem lançar mão para agir – nos mais variados âmbitos sociais. São identificadas como analfabetas pela falta de conhecimentos e pouca familiaridade com a linguagem escrita, e, por essa razão, são estigmatizadas e discriminadas socialmente. (UNESCO, 2008, p. 58).

Em relação ao elevado nível de analfabetismo, no nosso país a classe política desenvolve diversos programas, com o discurso que os mesmos iriam acabar ou diminuir o analfabetismo, porém esses programas, como por exemplo, o Brasil alfabetizado, entre outros, são programas criados pelos nossos governantes para dizer que estão fazendo algo pelo nosso país, pois temos visto diversas situações de indivíduos que estão matriculados nestes programas, porém não frequentam essas possíveis aulas, muito menos sairão do analfabetismo. Por isso o governo vem recebendo diversas críticas por parte de especialistas

em educação, por não apresentar resultados satisfatórios referentes às ações desenvolvidas por esses programas.

Segundo o Ministério da Educação (MEC), entre os anos de 2004 a 2012, houve uma queda significativa do analfabetismo no Brasil, em 2004 tínhamos o percentual de 11,5% e em 2012 caiu para 8,7%, uma queda de 2,8%. Sendo que a maior parte de analfabetos, segundo esses dados, reside nas regiões norte e nordeste do nosso país, estes dados são de cinco anos atrás, e nos anos seguintes o índice de analfabetismo tem continuado baixando.

Apesar de ter diminuído o índice de analfabetismo nestes últimos cinco anos, o norte e nordeste ainda continuam apresentando a maior parte de concentração de analfabetos, o que nos preocupa e leva a refletir: qual o fator responsável por esse analfabetismo nestas regiões? Segundo o MEC é por que a região é carente, mas carente de que? Pelo que entendemos essas regiões tem uma carência no tocante à leitura e escrita, desde pequenos essa população das regiões norte e nordeste não são influenciados a irem a escola estudar, em sua maioria infelizmente são obrigados a trabalharem ainda criança, o que sabemos que é crime, o trabalho infantil, previsto na lei 10.097, de 19 de dezembro de 2000, da Presidência da República, Casa Civil, que institui a consolidação das leis do trabalho, diz em seu Parágrafo único: O trabalho do menor não poderá ser realizado em locais prejudiciais à sua formação, ao seu desenvolvimento físico, psíquico, moral e social e em horários e locais que não permitam a frequência à escola.

Diante desta realidade, surge uma preocupação sobre a negação por parte do Estado para com o direito da educação destes cidadãos. No entanto, com a negação por parte do Estado sobre o direito da educação destes cidadãos surgem também algumas indagações, será que esses programas têm sido aplicados de forma correta nessa área ou simplesmente é um faz de conta? Justamente por essas regiões serem as que mais recebem esses programas como, por exemplo, Brasil alfabetizado, entre outros, será que os profissionais que trabalham com alfabetização recebem por parte do governo as condições necessárias para fazer um ensino de qualidade? Assim são apenas algumas das indagações que surgem em relação a esses programas. Também é bom ressaltarmos que o Estado tem por obrigação oferecer uma educação de qualidade para os discentes.

Como já vimos, esses programas tem sido bastante criticados por não apresentarem resultado satisfatório no tocante à diminuição do analfabetismo no nosso país.

1.2 A EJA é um direito do cidadão e dever do Estado

O Estado tem por obrigação garantir ao cidadão uma educação de qualidade. Com a EJA não é diferente, pois segundo a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional, Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996, em sua seção V, Art. 37, diz:

§ 1º Os sistemas de ensino assegurarão gratuitamente aos jovens e aos adultos, que não puderam efetuar os estudos na idade regular, oportunidades educacionais apropriadas, consideradas as características do alunado, seus interesses, condições de vida e de trabalho, mediante cursos e exames.

§ 2º O poder público viabilizará e estimulará o acesso e a permanência do trabalhador na escola, mediante ações integradas e complementares entre si.

Diante desta afirmação prevista na Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional, Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996, o cidadão tem respaldo na lei para ter seus direitos preservados pelo Estado, entre esses direitos está à educação. O público alvo da EJA tem sido em sua maioria, discente que não tiveram oportunidade na infância para terminarem os estudos dentro da idade prevista ou tiveram que abandonar o estudo para trabalharem e sustentar suas famílias. Agora encontram na EJA a oportunidade de conseguir aprender e também de melhoria para suas vidas com a sua escolarização.

1.3 Como acontece o processo de alfabetização na EJA

O processo de alfabetização varia de educando para educando, isto é, tem educando que aprende com mais facilidade, enquanto outros têm maiores dificuldades com a aprendizagem da leitura e da escrita. Essa aprendizagem depende tanto da metodologia do educador como de outros elementos que possam favorecer ou até mesmo dificultar essa aprendizagem, como por exemplos: livros didáticos, jogos educativos, aparelhos tecnológicos ou até mesmo o cotidiano dos educadores, tendo em vista que como profissional o alfabetizador também é ser humano e pode passar por fases ou problemas pessoais e esses problemas poderão influenciar no momento que este alfabetizador está executando o seu trabalho em sala de aula.

A alfabetização de jovens e adultos é diferente da alfabetização Infantil, talvez mais difícil, visto que, no caso da alfabetização de jovens e adultos, essa exige um pouco mais de dedicação e atenção por parte do educador, pois tanto na alfabetização de jovens e adultos quanto na alfabetização infantil, o educador deve compreender e entender os conteúdos, isto é, o alfabetizador deve ter segurança no que está sendo ensinado por ele, ter domínio de conteúdo. Além disso, o educador da EJA precisa ter consciência que este campo da educação ainda está em processo de formação, isto é, esta modalidade, segundo Soares (2009, p.19)

ainda está no processo de “sua própria construção, como política pública, como responsabilidade e dever do Estado”.

No caso do alfabetizador de adultos, além de ter o conhecimento sobre esse processo de construção que a EJA encontra-se, além do domínio de conteúdo e a segurança para ensinar aos educandos, o alfabetizador deve também saber como lidar com esses adultos, que diferentemente da criança já possui uma maturidade em relação à idade, e isso pode afetar no processo de aprendizagem, já a criança está ali no seu primeiro contato com a leitura, tudo é novo para ela, no caso dos adultos eles já passaram por essa fase, o que poderá ter trazido certa sensação de derrota para o mesmo, por não ter aprendido na idade considerada regular, o que pode também provocar um sentimento de culpa. O alfabetizador diante desta realidade deverá desenvolver estratégias, para fazer com que esses adultos não abandonem o estudo mais uma vez, por isso que a alfabetização de jovens adultos se torna mais difícil do que a alfabetização infantil.

O processo de alfabetização depende muito da metodologia usada ou empregada pelo alfabetizador, cada educador emprega ou usa metodologias que o ajudam a ensinar na sala de aula. Essa metodologia é a maneira ou a forma de ministrar, ensinar ou fazer com que o conteúdo chegue ao discente com mais clareza facilitando a aprendizagem dos mesmos. Como afirma Almeida (1985, p. 01) “À metodologia em apreço caberá promover o conhecimento do aluno em sua individualidade, buscando saber como se situa em relação a si mesmo e aos outros, em relação à vida e ao ambiente que o cerca”. Outro desafio é de incentivar, motivar o discente a ir à busca da resposta pelo prazer de aprender e não apenas dar a resposta ao discente, isso lembra-nos de Freire (1996). Esse pensador ressalta a importância do educador ensinar o discente a pesquisar. Se incentivarmos esses discentes logo eles serão autônomos, capazes de desenvolver seus próprios conceitos.

1.4 Dificuldades encontradas pelos alfabetizadores.

No âmbito da educação brasileira podemos verificar muitas dificuldades enfrentadas principalmente pelos alfabetizadores da EJA. Sendo assim, esses educadores precisam desenvolver estratégias para superar essas dificuldades. Sobre essas dificuldades, afirma Campelo (2009):

Essa problemática tem impulsionado várias pesquisas científicas e estudos que objetivam esclarecer e analisar essas dificuldades, com vistas a se buscarem estratégias para que as dificuldades possam ser superadas no próprio contexto escolar, particularmente na sala de aula. (CAMPELO, 2009, p, 01).

Diante desta realidade o educador às vezes se deixa levar pelo problema ou desafio encontrado no seu caminho e acaba desistindo da profissão ou até mesmo não desiste, mas leva tudo aos “trancos e barrancos”, como diz o ditado popular. Tendo em vista que o processo de alfabetização é algo que requer cuidado por parte do educador, já que é a aprendizagem do aluno que mais nos interessa como alfabetizador, neste sentido surge um desafio no tocante alfabetização destes educandos já que o processo de alfabetização deve ocorrer de forma individual, isto é, cada indivíduo, apesar de viver no grupo social, aprende de forma individual.

Como afirma Esteves (2014):

Alfabetização é vista como um processo individual pelo fato de a sociedade estar em constante mudança por isso a atualização individual deve acompanhar essas mudanças, visto que ela se refere à leitura, a escrita e as práticas de linguagem do indivíduo, a alfabetização é tida como processo da escolarização. (ESTEVES, 2014, p, 03).

Outro desafio que esses educadores enfrentam é o aumento de absenteísmo por parte dos alunos, existem muitos fatores que podem contribuir para esse afastamento das aulas, entre eles podemos mencionar: a falta de motivação pela a aula – como o professor influência para que a aprendizagem ocorra de maneira mais prazerosa? –o cansaço - a maioria dos alunos da EJA trabalha durante o dia e estuda à noite - a baixa autoestima por parte do aluno - na maioria das vezes esses discentes acreditam que por terem vivido quase a vida toda sendo analfabetos, agora estão velhos demais, isto é, eles acreditam que pelo fato de já estarem avançados na idade não são capazes de aprenderem a ler e escrever- as condições sociais desses alunos, etc. Tudo isso contribui para o acarretamento de problemas que os alfabetizadores enfrentam na sala de aula.

Sendo assim, este trabalho buscará analisar e compreender as dificuldades que os alfabetizadores da EJA enfrentam mediante a realidade do cenário de Educação na qual a maioria da população brasileira subsiste. Para elaborar essa análise e compreensão precisamos entender e levar em consideração o que foi apresentado e argumentado ao longo desta seção, bem como o objetivo geral e os específicos apresentados no início do trabalho.

2. Percursos Metodológicos

Dado o caráter subjetivo do objeto de estudo desta pesquisa – as dificuldades dos professores da alfabetização de jovens e adultos e a sua formação docente, para realizarmos este estudo, primeiramente realizamos leituras sobre o tema a fim de fundamentar teoricamente o presente trabalho, a partir da apreensão de teorias apresentadas por diversos autores, tais como Freire (1996), Soares (2006), documentos oficiais brasileiros e da Unesco (2008), Campelo (2009), Strelhow (2010), Esteves (2014), entre outros.

Este estudo foi feito de acordo com a abordagem qualitativa de pesquisa. Segundo Günther (2006), a pesquisa qualitativa é um método de investigação científica empregado pelo (a) pesquisador (a), na qual enfatiza o caráter subjetivo do objeto de estudo. No caso deste estudo, a ênfase está nas concepções dos sujeitos que serão entrevistados, os alfabetizadores da EJA, sobre as dificuldades que enfrentam no desenvolvimento do seu trabalho e a sua formação.

Ao optarmos pela abordagem qualitativa de investigação, levamos em consideração que esta abordagem permite construir uma visão detalhada, ampla, rica que possibilita um aprofundamento em detalhes descritivos e explicativos acerca do objeto de estudo, que será investigado sob a perspectiva de um todo complexo, de uma realidade contextualizada. Ou seja, ao afirmarmos isto podemos entender que esse tipo de estudo deve possibilitar o significado do problema que está sendo investigado.

De acordo com Gonçalves (2015, p, 43), a pesquisa qualitativa:

Nos possibilitar ficarmos diante de inúmeras e diferentes formas de interpretações da vida, de compreensão do senso comum, atribuição distinta de significados dados pelos sujeitos participantes sobre as suas experiências e vivências, buscando explicar essa multiplicidade de sentidos ao leitor.

A pesquisa será realizada com alfabetizadores da Educação de Jovens e Adultos de uma escola municipal, localizada na cidade de Triunfo-PB. Com a pesquisa buscaremos entender como se dá o processo de alfabetização, as dificuldades enfrentadas por esses alfabetizadores neste processo e a sua formação.

A nossa intenção é realizar este estudo, complexo, em uma única realidade: o processo de alfabetização de jovens e adultos na cidade de Triunfo-PB. Por tratar-se de uma pesquisa qualitativa, optamos pelo estudo exploratório. De acordo com Piana (2009), o estudo exploratório ocorre quando o (a) pesquisador (a) consiste apenas na caracterização do problema, do objeto de estudo, isto é, não busca resolver o problema de imediato, mas

caracterizá-lo a partir de uma visão geral, que possa aproximar o pesquisador (a) do objeto pesquisado, sendo assim o (a) pesquisador (a) deverá estimular os entrevistados a pensarem e a falarem livremente sobre o tema a ser investigado.

Os sujeitos da pesquisa foram quatro alfabetizadores. O critério para selecionar os sujeitos de pesquisa é que estejam, no momento da pesquisa, em exercício na alfabetização de jovens e adultos. Na análise dos dados, para identificarmos os sujeitos de pesquisa, considerando a confidencialidade dos sujeitos para proteger a sua identidade, usaremos codinomes.

Para os levantamentos dos dados, como instrumento de coleta de dados foi utilizada a entrevista que será composta por perguntas elaboradas pelo pesquisador (a) sobre o assunto que está sendo estudado. Segundo Piana (2009), a entrevista é um dos instrumentos de pesquisa mais usados ou empregados na pesquisa de campo pelos pesquisadores (as), pois possibilita uma aproximação concreta do sujeito pesquisador com o sujeito entrevistado. A modalidade de entrevistas adotada será a semiestruturada.

Segundo informa Piana (2009), a entrevista semiestruturada é um método de pesquisa que possibilita a coleta de dados junto aos sujeitos entrevistados, o que significa obter-se informações estabelecendo uma conversa amigável entre entrevistador (a) e entrevistados (as). Sendo assim escolhemos a entrevista semiestruturada como instrumento de pesquisa para coleta de dados, no intuito de estabelecermos esta conversa amigável junto aos alfabetizadores (as) da EJA.

A entrevista foi trabalhada a partir de um roteiro prévio de questões, menos rígido, no qual os sujeitos entrevistados falarão livremente sobre o tema e também sobre outros assuntos que estejam interligados à questão central da pesquisa, levando em conta que esse assunto seja considerado relevante ao estudo. As entrevistas foram realizadas de forma oral deixando o entrevistado livre para compartilhar suas experiências e interagir de forma dinâmica, e serão gravadas em áudio.

Os dados coletados por meio das entrevistas gravadas por meio de celulares com gravadores de voz foram transcritos para facilitar o seu tratamento e análises. Os dados coletados por meio da entrevista serão submetidos à análise qualitativa através da técnica de análise de conteúdo.

De acordo com Bardin, a análise de conteúdo é:

Um conjunto de técnicas de análise de comunicação visando obter, por procedimentos sistemáticos e objetivos de descrição do conteúdo das mensagens, indicadores (quantitativos ou não) que permitam a inferência de conhecimentos relativos às condições de produção/recepção destas mensagens. (BARDIN 1979, p. 42 apud FERNANDES, 2003, p. 122).

Segundo Fernandes (2003) a técnica de análise de conteúdo é um método utilizado pelo pesquisador (a) que busca compreender os sentidos atribuídos ao objeto de estudo, no caso deste estudo, a alfabetização na EJA. Sendo assim optamos pela análise de conteúdo pelo fato de buscarmos além de verificar como ocorre o processo de alfabetização na EJA, identificarmos as dificuldades enfrentadas por esses alfabetizadores e compreender os sentidos que esses alfabetizadores atribuem as dificuldades enfrentadas na sala de aula da Educação de Jovens e Adultos, bem como eles lidam com essas dificuldades levando em consideração a formação inicial e a continuada.

Sendo assim, descreveremos melhor o detalhe da pesquisa no próximo item que será denominado de análise dos dados coletados.

3. Análise dos dados

3.1 O PROCESSO DE ENSINO E APRENDIZAGEM DA ALFABETIZAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS: dificuldades, soluções e formação docente

Nas primeiras e segundas seções deste trabalho, apresentamos os pressupostos ou metas metodológicas que adotamos para fundamentar nosso trabalho de conclusão de curso (TCC), discutimos ou abordamos nesta oportunidade acerca dos procedimentos que adotamos para a realização desta pesquisa como, por exemplo, os elementos que resolvemos adotar para a coleta de dados que, no caso, optamos pela entrevista semiestruturada realizada com quatro alfabetizadores, docentes da educação de Jovens e adultos (EJA).

A escolha por esse método de pesquisas se deu pelo fato de que nos pareceu um instrumento eficiente, fazendo com que a coleta de dados ocorra de forma mais amigável para com os sujeitos do estudo, no caso, os alfabetizadores da EJA. Sendo assim este instrumento torna pouco dispendioso, isto é, torna um instrumento mais barato, já que para a coleta de dados utilizamos materiais tecnológicos como celular e notebook, além de folhas para possíveis anotações e canetas que já possuíamos, em vez de custeá-los.

Na oportunidade apresentamos os precursores ou adiantamos alguns detalhes do que prevíamos para a realização desta pesquisa, para fundamentar nosso trabalho empregamos o pensamento de teóricos como: Freire (1996), Fernandes (2004), Piana (2009), Gonçalves (2015), entre outros, que pudemos conferir nos capítulos que antecedem a este. Nesta seção, demonstraremos a forma ou caminho percorrido para a realização da pesquisa feita junto ao corpo docente de uma escola municipal localizada no município de Triunfo, Paraíba.

Nossa entrevista dividiu-se em três fases ou etapas, na primeira etapa, ocorreu a elaboração do roteiro de questões, na ocasião foram elaboradas onze perguntas, nas quais buscamos explorar o tema referente ao processo de alfabetização na EJA, dentro deste tema abordamos assuntos como dificuldades enfrentadas pelos alfabetizadores, as alternativas desenvolvidas por eles para superá-las, como ocorre a formação destes educadores, ou seja, curso de Especialização e programas no tocante à formação destes educadores oferecidos pelo Estado e instituição em que trabalham. Buscamos entender também como esses alfabetizadores lidam com as diferentes faixas etárias na sala de aula, entre outros assuntos que veremos ao longo desta seção.

Na segunda etapa da entrevista, ocorreu o agendamento com esses alfabetizadores, na ocasião ficou acertado a data e hora que realizaríamos a entrevista. Na terceira etapa, aconteceu a realização da entrevista, na data e hora marcada pelos entrevistados. Durante a

realização da entrevista pode-se notar uma satisfação por parte dos entrevistados em colaborar para com nossa pesquisa, os resultados destas entrevistas serão abordados melhor no decorrer desta seção, analisando as respostas dadas por esses entrevistados à luz das teorias dos autores empregados como fundamentação na elaboração deste trabalho.

A pesquisa teve como principal intuito buscar entender e compreender as dificuldades enfrentadas pelos docentes que alfabetizam jovens e adultos e as contribuições dos trabalhos realizados pelos (as) docentes que se dispuseram voluntariamente a participar deste estudo, por meio dos dados coletados. Para analisarmos os dados obtidos pela pesquisa, optamos pela técnica de análise de conteúdo desenvolvido na vertente de Bardin (apud Fernandes, 2003). Sendo assim, desenvolvemos um olhar multidirecionados, isto é, lançamos diversos olhares no tocante aos dados coletados, para que pudéssemos desenvolver esses olhares durante o estudo elaboramos as análises de forma horizontal e vertical, o que nos possibilitou uma melhor compreensão no tocante ao discurso dos (as) docentes entrevistados (as).

Visando facilitar o processo de compreensão dos discursos dos (as) docentes referidos (as) e efetivar a produção das análises, elaboramos uma caracterização desses docentes (as). Os quatro alfabetizadoras da EJA entrevistados, são três do sexo feminino e um do sexo masculino, no tocante à formação, 03 alfabetizadores possuem formação inicial em Geografia e uma possui formação inicial em Letras. Em relação ao tempo de exercício profissional, os alfabetizadores têm em média quatro anos de experiência docente e trabalham, em média, numa carga horária de 10 horas semanais. No tocante ao ingresso dos alfabetizadores na escola onde lecionam, aconteceu por meio de seleção realizada pela prefeitura do município, isto é, por meio de concursos públicos. Conforme o anunciado na metodologia, os (as) entrevistados (as) serão identificados (as) por meio de codinomes, em seus discursos, como **Professora A, Professora B, Professor C e Professora D.**

A partir das leituras elaboradas sobre as entrevistas, isto é, leituras verticais e horizontais para realizarmos as análises temáticas sobre os discursos dos (as) entrevistados (as), observamos que as dificuldades enfrentadas pelos docentes, dentro e fora da sala de aula, são muitas, e por isso eles desenvolvem estratégias na busca de amenizar a situação, a fim de estabelecer a alfabetização como um bem para os alfabetizandos, como para si, alfabetizadores, fazendo do ambiente de trabalho um lugar confortável.

Os (as) docentes, em suas falas, enfatizaram as dificuldades e a negação do Estado para com o direito do cidadão no tocante a sua obrigação de fornecer e garantir educação de qualidade, de acordo com a LDBN nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996, seção V, Art. 37. Durante as entrevistas também foram enfatizadas questões como a evasão escolar que

segundo os entrevistados (as) é um dos problemas que ocorrem com bastante frequência nesta modalidade de ensino.

Essas percepções e avaliações docentes serão sistematicamente analisadas e problematizadas no desenvolvimento deste capítulo e descritas a seguir de modo ordenado. A partir das técnicas de análise de conteúdo, “enunciação e temática” (BARDIN *apud* FERNANDES, 2003), identificamos que os discursos dos (as) docentes consultados (as) se organizam a partir de três tópicos, são eles: 3.1 - A formação docente dos alfabetizadores e o processo de ensino e aprendizagem na EJA; 3.2- Dificuldades enfrentadas pelos alfabetizadores na sala de aula da EJA; 3.3- Soluções ou estratégias desenvolvidas pelos alfabetizadores para lidar com as dificuldades encontradas na sala de aula da EJA.

3.2 A formação docente dos alfabetizadores e o processo de ensino e aprendizagem na EJA

Neste item abordaremos sobre a formação docente dos alfabetizadores, bem como, o processo de ensino e aprendizagem na EJA. Como já vimos anteriormente, todo e qualquer educador precisa possuir uma formação docente para que possa lecionar, no caso do alfabetizador de jovens e adultos não é diferente, o educador precisa ter uma formação docente para estar apto a lecionar nessa modalidade de ensino, porém muitas vezes ocorre o descaso por parte de muitos cursos que não se preocupam com a formação de qualidade dos educadores da EJA, o que acaba prejudicando a alfabetização dos educandos. Como afirma Fernandes (2004, p. 45) “Os cursos de formação de professores, em suas diversas especialidades, dificilmente trazem à tona a preocupação com a formação para essa modalidade de educação”.

No caso dos quatro alfabetizadores entrevistados, todos possuem graduação, sendo uma em Letras e os outros três em Geografia. Pelo que observamos no decorrer das entrevistas, nenhum dos alfabetizadores possui uma qualificação ou formação, além da graduação, para alfabetizar na EJA, a exemplo da **professora A**. Esta diz: “[...] Apesar de ter conhecimento dessa necessidade, nunca recebi nenhuma formação para alfabetizar na EJA”. Isto comprova o que foi descrito acima sobre a não preocupação dos cursos ou Estado para a formação docente do alfabetizador da EJA.

Outro ponto que abordaremos neste tópico é sobre o posicionamento do Estado para com a educação do cidadão brasileiro. Como já vimos, o Estado tem por obrigação assegurar e garantir a educação do cidadão, de acordo com a Lei de Diretrizes e Bases da Educação

Nacional, Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996. Sendo assim, questionamos aos docentes entrevistados se a instituição disponibilizava programas de formação continuada, ou outro tipo de especialização que capacitasse esses docentes para lecionar nesta modalidade de ensino. A resposta obtida foi que durante o tempo que o grupo trabalha na escola, nunca houve nenhum tipo de programa que visasse à formação destes docentes.

Desse modo, observamos uma negligência por parte do Estado, tendo em vista que o professor deve estar capacitado para atuar em determinada área, essa capacitação vai além da formação inicial que o mesmo tenha, isto é, o sujeito para atuar em uma modalidade de ensino como a EJA deve estar preparado para lidar com dificuldades como as citadas no item anterior, além do mais, deve ter noção de que alfabetizar jovens e adultos é diferente de alfabetizar crianças. Se o Estado não oferece essa capacitação para esses docentes cabe a eles buscarem adquirir conhecimentos através da autoformação, como afirma Fernandes (2004):

[...] o educador de jovens e adultos precisa se movimentar em duas direções: a autoformação, através de leituras e pesquisas, e a reivindicação de cursos de aperfeiçoamento e de acompanhamento nas atividades de planejamento didático e avaliação de aprendizagens. (FERNANDES, 2004, p.45).

Apesar desta negação por parte do Estado, os professores entrevistados afirmaram buscar conhecimentos sobre a modalidade de ensino que os mesmos lecionam. A **professora A** disse: “busco sim, pois não quero prejudicar meus alunos”. A **professora B** afirmou: “se o Estado nem a Escola [...] não disponibilizam estes tipos de programas, tenho que buscar conhecimentos para lecionar”. O **professor C** também ressaltou: “É claro, para ensinar seja na EJA, ou em qualquer lugar, o professor tem de buscar conhecimento, ou aperfeiçoar o que já conhece”. A **professora D** também fez relato nesse sentido: “Nós como alfabetizadores, temos que estar sempre por dentro do nosso trabalho e a cada dia aperfeiçoando os nossos conhecimentos”.

Questionamos aos entrevistados sobre a rotina de trabalho deles no tocante ao planejamento, como esses planejamentos ocorriam e se eram satisfatórios para um bom desempenho em sala de aula. A resposta foi que os planejamentos ocorrem de forma semanal, isto é, a cada oito dias, e são feitos juntos aos demais educadores, com a presença da coordenação, mas, segundo eles, apesar de fazerem o planejamento antecipado das suas aulas, muitas vezes é necessário haver uma mudança no roteiro, o que acaba mudando o que foi planejado, a fim de satisfazer a necessidade de aprendizagem do discente em sala de aula.

Sendo assim, notamos que apesar de estar estabelecido na lei o dever do Estado em fornecer e garantir uma educação de qualidade ao cidadão brasileiro, bem como uma

formação para os profissionais que atuam nesta área, é fácil depararmos com situações como essas que refletem o abandono do Estado para com a educação da população brasileira.

Outrossim, o Estado também é responsável pela formação dos docentes para lecionarem nessa modalidade de ensino, e como vimos, os alfabetizadores não possuem uma formação, além da graduação, além de ter que lidar com a falta de preocupação por parte de alguns cursos de graduação que não tem interesse de formar os graduandos para atuarem na EJA.

3.3 Dificuldades enfrentadas por esses alfabetizadores na sala de aula da EJA

Com a finalidade de conhecer as concepções dos docentes entrevistados sobre a formação e desafios da prática docente na alfabetização de Jovens e Adultos, buscamos fazer perguntas que provocassem discursos nos quais pudessem expressar as suas opiniões, perspectivas e concepções sobre o que seria a formação para lecionar nesta modalidade, bem como as dificuldades enfrentadas em sala de aula.

Deste modo iniciamos a entrevista indagando qual a formação deles e qual o tempo de exercício profissional, isto é, o tempo que lecionam nesta modalidade de ensino. No tocante a essas questões já mencionamos no item acima a formação, o sexo e também o tempo de experiência dos (as) entrevistados (as). Ao questionarmos sobre as dificuldades enfrentadas por esses educadores na sala de aula da EJA, percebemos a tristeza destes docentes, todos sem exceção, ao afirmarem que encontram dificuldades no seu cotidiano de alfabetizador da EJA, tornando assim as respostas homogêneas. Essas dificuldades surgem de vários tipos e formas. Como afirma CAMPELO (2009, p. 65): “Percebermos que as dificuldades enfrentadas por aquelas docentes vão desde a precariedade das condições materiais de vida dos alunos até problemas decorrentes da formação docente e das condições de trabalhos das professoras”.

Diante desta realidade acabamos reconhecendo que essas dificuldades são múltiplas e que além de enfrentá-las, estes alfabetizadores devem manter-se otimistas e buscar desenvolver estratégias, seja metodológica ou criativa, mas o que podemos perceber nas falas destes entrevistados é que eles buscam soluções para pelo menos amenizar estas dificuldades que surgem no dia a dia deles como profissionais. Notamos também que todos tem total consciência de que essas dificuldades não se resolvem com facilidades e sim levam tempo, e muitas vezes nem chegarão a total solução.

Durante a coleta de dados observamos que todos (as) entrevistados (as) possuem uma opinião formada sobre essas dificuldades que eles enfrentam na sala de aula. Neste sentido a **professora A** falou sobre as dificuldades de alfabetizar os educandos:

“Durante o nosso trabalho como docente [...] enfrentamos muitas dificuldades, mas a que eu quero falar é sobre [...] as dificuldades que encontramos durante o processo de alfabetização destes alunos que é o reconhecimento da necessidade de cada um e lidar com cada problema individual, procurando mostrar a igualdade e o valor que todos têm”.

A **professora B** também falou sobre a dificuldade de alfabetizar estes educandos já que eles passaram muito tempo longe das salas de aula e as dificuldades que eles como educandos tem de aprender, e os alfabetizadores também encontram dificuldades para alfabetizar: “Muitos deles passam muito tempo sem frequentar a sala de aula, quando os mesmos voltam sente certa dificuldade em aprender [...] e nós como alfabetizador também sentimos dificuldades em ensinar e alfabetizar esses alunos”.

O **professor C** seguiu a mesma linha de resposta da professora B, ele diz: “É complicado falar sobre as dificuldades que enfrentamos na sala de aula da EJA [...] como alfabetizador deparo-me com situação, como por exemplo, um aluno passa anos sem frequentar uma sala de aula e quando chega percebe que é difícil aprender, como alfabetizador [...] também enfrento essa dificuldade para fazer esse aluno entender que ele pode sim aprender e eu estou ali para ajudá-lo”.

A **professora D** falou sobre a evasão escolar como dificuldade: “Um dos desafios que enfrento na sala de aula, além, claro da dificuldade de alfabetizar, é a baixa frequência desses alunos na sala de aula [...], isso se deve ao fato que muitos desses alunos trabalham durante o dia e noite, quando chega à noite estão cansados e sem disposição para irem à escola”.

No decorrer das falas citadas nos parágrafos anteriores podemos destacar alguns pontos considerados importantes, como por exemplo, a **professora A** que exterioriza uma preocupação no tocante a autoestima do educando quando ela diz que busca reconhecer a necessidade de cada um, além de buscar lidar com cada um e mostrar o valor de cada um, isto é, para ela antes de tudo é preciso valorizar o ser humano em si, mostrar aos discentes a capacidade que todos têm de apreender o que está sendo ensinado, fazendo com que eles tenham uma identidade positiva, isto é, o resgate da autoestima. Diante desta realidade podemos afirmar que existe uma relação entre professor e aluno, o que faz com que se eleve a autoestima e a autoconfiança do discente no tocante à aprendizagem. Neste sentido é importante destacar o que afirma Fernandes (2004, p.35) “[...] para nós, educadores, é

fundamental termos em mente este fato: a educação é sempre uma relação entre pessoas e envolve sentimentos e expectativas”.

A **professora D** falou sobre a ausência desses alunos na sala de aula, essa ausência pode ser parcial, isto é, eles deixam de frequentar as aulas por um tempo e depois voltam a estudar, ou pode ser também uma ausência permanente, quando o aluno afasta-se da sala de aula por um tempo indeterminado, podendo até não retornar mais para a sala de aula.

Pelo que foi visto na fala dos (as) entrevistados (as), todos tem noção que lecionar na modalidade de ensino da EJA é um caminho cheio de desafios e dificuldades a serem enfrentadas e superadas, também é fácil notarmos nas falas dos professores que muitas dificuldades relatadas por esses docentes estão ligadas ou vinculadas às condições sociais dos alunos, como por exemplo, a evasão escolar citada pela **professora D**. Durante a entrevista foi possível observar que a evasão escolar tem sido uma dificuldade enfrentada por todo docente que atua nessa modalidade de ensino, tendo em vista que o público atendido nessa modalidade é formado por jovens e adultos que possuem responsabilidades durante o dia e reservam a noite para estudar visando recuperar o tempo perdido, porém surge o cansaço, o que muitas vezes os impedem de irem à sala de aula.

Já na fala das **professoras A e B**, observamos que enfatizaram a dificuldade de alfabetizar os discentes, a professora A ressaltou a importância e também a dificuldade que a mesma tem para reconhecer e identificar a necessidade de cada discente. Diante desta dificuldade apontada, constata-se que cada sujeito tem suas necessidades de estarem ali em busca do saber escolar, seja por interesse pessoais ou profissionais. Cabe ao docente identificar essas necessidades e junto com o discente chegar à consideração didática de tais necessidades, isto é, realizar o processo de ensino-aprendizagem de modo contextualizado com a vida do aluno e as suas necessidades, conforme ressaltou Paulo Freire em suas obras.

Campelo (2009) também fala sobre essa necessidade que o cidadão enquanto discente tem em ir buscar o saber para atender as suas expectativas, seja da sociedade em geral ou particularmente, do próprio indivíduo, como é o caso de discentes que não possuem qualificação profissional mínima para o mercado de trabalho atual. Essa qualificação da mão de obra é praticamente obrigatória para se conseguirmos emprego e ter uma vida considerada razoável pela sociedade. Outros buscam esse saber por não terem a escolaridade correspondente a sua idade, pois infelizmente não conseguiram nem mesmo se alfabetizarem, quando muitas crianças já se alfabetizaram. Diante desta realidade esse público sente-se com autoestima baixa e busca na sala de aula da EJA a solução para esse problema e assim, de algum modo, se sentirem incluído. Sendo assim, cabe ao alfabetizador ajudar a esses discentes

a recuperarem a autoestima, isso só será possível se o alfabetizador conscientizar-se de que essa dificuldade pode ser minimizada por eles em sala de aula, a partir de um trabalho contextualizado.

A professora B e o professor C enfatizaram a questão das dificuldades enfrentadas pelos discentes em apreender, já que eles passam muito tempo sem estudar e o estudo passa por processo de modificação dos conteúdos, como por exemplo, o modo de alfabetizar nos dias atuais é bem diferente do que era aplicado nos anos 1970, o que causa um impacto nos discentes e também no alfabetizador. Diante dessa questão nos lembramos do mestre da educação Paulo Freire, quando em seu livro pedagogia da autonomia fala que, educar não é simplesmente transferir saber. Trazendo este pensamento para a alfabetização de jovens e adultos, podemos dizer que alfabetizar não é apenas mostrar a cartilha de abc para o discente, como acontecia antigamente, hoje há todo um processo que os educadores precisam percorrer para fazer com que o discente sintam-se valorizado enquanto tal, e isto é um desafio a ser superado por esses alfabetizadores.

Outro ponto considerado como dificuldade pelos entrevistados é a questão da diferença de faixas etárias (idades) que existe nas salas de aulas da EJA. **A professora A**, nesse sentido, ressaltou: “[...] não é fácil lidarmos com essa diferença de idades que existe na sala de aula da EJA, pois uma pessoa mais idosa acaba tendo mais dificuldades de aprender do que um novo”. **A professora B** disse o seguinte: “A diferença de idade atrapalha o processo de alfabetização, já que tenho que trabalhar atividades diferenciadas e adequadas para cada tipo de idade”. **O professor C** afirmou: “Lidar com os diferentes tipos de idade dos alunos, tem sido um desafio, que tenho tentado superar”. **A professora D** também disse: “[...] acredito que em uma sala de aula da EJA, você com certeza irá encontrar pessoas com idades diferentes”.

Sendo assim, podemos perceber que os alfabetizadores entrevistados têm noção de que essas dificuldades são múltiplas, partindo de todos os lados, seja da realidade social do discente, como do fracasso que esses discentes vivenciaram e temem vivenciar novamente. Neste item abordamos sobre as dificuldades relatadas pelos alfabetizadores entrevistados. No próximo relataremos sobre as estratégias ou soluções desenvolvidas por esses alfabetizadores para amenizar as dificuldades encontradas, pelos mesmos as da sala de aula.

3.4 Soluções ou estratégias desenvolvidas por esses alfabetizadores para lidar com essas dificuldades encontradas por ele na sala de aula da EJA

Com o propósito de conhecer as alternativas, estratégias ou soluções desenvolvidas pelos docentes em busca de superar as dificuldades descritas no tópico anterior, analisamos seus depoimentos e constatamos que para cada dificuldade encontrada, esses docentes buscam, dentro de suas limitações, solucioná-las através de estratégias para dar continuidade ao trabalho de alfabetizador da EJA.

Neste sentido, temos o depoimento da **professora A**. A mesma em seu depoimento, como foi citado no item anterior, ressaltou a dificuldade que ela como docente tem para alfabetizar os seus discentes tendo em vista que cada um possui necessidades diferentes para buscar conhecimento, bem como a dificuldade em lidar com os problemas individuais de cada discente. Diante desta dificuldade a professora A desenvolveu uma alternativa para superar essa dificuldade enfrentada por ela em sala de aula. Ela diz: “para essa dificuldade busco mostrar a eles os valores, as igualdades e incluindo os conhecimentos necessários para cada um deles fazendo os mesmo entender e [...] reconhecer os valores próprios de cada um, mostrando que eles são capazes de conseguirem o que eles querem”.

A **professora D**, afirmou o seguinte: “Implantei no meu planejamento histórias reais da nossa região e de outras também, [...] como, por exemplo, conteúdos sobre os dinossauros na cidade de Sousa-PB, a história de Luiz Inácio (LULA), histórias reais que fizeram parte do nosso país”.

Diante desse depoimento podemos notar que para lidar com essa baixa de autoestima citada pela professora, torna-se necessário desenvolver atividades ou trabalhos de incentivo, seja através de estudos bibliográficos da autoria de grandes autores que relate histórias de lutas e também de conquistas parecida com histórias dos nossos antepassados que lutaram e venceram na vida. Além disso, o docente deve sempre reconhecer que o discente passou por etapas e obteve um avanço no seu desempenho. Esse avanço deve ser apresentado ao discente para fazer com que ele acredite em si próprio e busque cada vez mais o conhecimento. Como afirma Salvador (1999):

Os aspectos vinculados às capacidades de equilíbrio pessoal, principalmente tudo aquilo que tem a ver com o auto conceito e auto-estima dos aprendizes, devem ser situados em primeiro plano quando se fala de educação de adultos. (SALVADOR, 1999, p.192, apud CAMPELO, 2009, p.73).

A **professora B** e o **professor C** abordaram em seus depoimentos, assim como a professora A, as dificuldades para alfabetizarem os seus alunos jovens e adultos, porém, eles enfatizaram a dificuldade que esses alunos têm em aprender por estar a muito tempo distante da escola. A **professora B** falou sobre as dificuldades que esses alunos têm em aprender justamente porque passou anos longe da sala de aula. Para superar essa dificuldade, ela diz em

seu depoimento: “Para fazer com que eles aprendam com facilidade tento inovar nos conteúdos, tento trabalhar da melhor forma possível, trazendo conteúdos que desperte em neles a atenção e vontade de aprender”.

Sendo assim, a professora recorre aos recursos metodológicos para fazer com seus discentes aprendam de forma dinâmica, enquanto que o professor C diz em sua fala: “Eu tento mostrar a eles que estou ali para ajudá-lo e que eles são, sim, capazes de chegar onde eles quiserem”. Mais uma vez é possível notar a questão da autoestima desses discentes e a busca do professor por alternativas para fazer com esses discentes saiam da possível acomodação e busquem aprender cada vez mais.

A **professora D** ressaltou o problema da evasão escolar, ela fala sobre a baixa frequência desses discentes durante a aula, e para contornar essa situação, ele diz: “É um problema complicado de se resolver, é [...] quando percebo que um aluno falta muito tempo na aula, vou a sua residência, tento conversar com ele para entender a situação que ele encontra e tento trazer ele de volta para escola, enfim, tento incentivá-los da melhor forma possível”.

Na busca de solucionar o problema da evasão escolar os docentes incentivam os discentes a continuar frequentando a escola, para que esses alunos sintam-se motivados, os professores negociam horários de aulas, flexibilizando assim o horário, além de proporcionarem atividades coletivas que busquem a cooperação de todo o corpo discente e docente da instituição, o que faz esses discentes sentirem-se motivados não somente a estarem na escola, mas também sintam motivação em buscar os conhecimentos e aprenderem cada vez mais.

No tocante à dificuldade sobre as diferentes faixas etária (idades), relatada pelos entrevistados, observamos que os docentes também desenvolveram alternativas para superar essas dificuldades. A **professora A** diz: “Eu lido com esse desafio tratando todos por igual, zelando pelo respeito, e pelo valor que cada um tem dentro e fora da sala de aula”. A **professora B** ressaltou: “conscientizando que eles têm idades diferenciadas, mas, todos estão com o mesmo nível para apreender e dar continuidade aos estudos”. O **professor C** falou: “Eu busco fazer com que eles entendam que estão no mesmo nível de ensino, ou seja, que fazem o mesmo ano de ensino, apesar de terem idades diferentes eles são capazes de chegarem juntos ao que desejam”. A **professora D** em seu depoimento, falou: “Na busca de alternativa para solucionar essa diferencia de idade dos meus alunos, [...] tento mostrar a eles que estou ali para alfabetizar a todos. Apesar das idades diferentes, todos estão no mesmo nível, os mais

velhos tento fazer com que eles entendam que o processo de aprendizagem deles são diferentes dos mais novos, mas que apesar desta diferença, todos são capazes”.

No decorrer deste tópico, vimos que esses professores fazem das suas dificuldades um desafio, e que para superarem esses desafios desenvolvem alternativas, estratégias de superação das dificuldades encontradas por eles.

3.5 Posicionamento do Estado e da Instituição de ensino para com a formação destes alfabetizadores.

Neste tópico abordaremos o posicionamento do Estado para com a educação do cidadão brasileiro. Como já vimos, o Estado tem por obrigação assegurar e garantir a educação do cidadão, de acordo com a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional, Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996. Sendo assim, questionamos aos docentes entrevistados se a instituição disponibilizava programas de formação continuada, ou outro tipo de especialização que capacitasse esses docentes para lecionar nesta modalidade de ensino. A resposta obtida foi que durante o tempo em que o grupo trabalha na escola, nunca houve nenhum tipo de programa que visasse à formação destes docentes.

Desse modo, observamos uma negligência por parte do Estado, tendo em vista que o professor deve estar capacitado para atuar em determinada área, essa capacitação vai além da formação inicial que o mesmo tenha, isto é, o sujeito para atuar em uma modalidade de ensino como a EJA deve estar preparado para lidar com dificuldades como as citadas no item anterior; além do mais, deve ter noção de que alfabetizar jovens e adultos é diferente de alfabetizar crianças. Se o Estado não oferece essa capacitação para esses docentes, eles precisarão buscar adquirir conhecimentos através da auto formação, aprendendo com os textos escritos e com a sua própria experiência.

Apesar desta negação por parte do Estado, os professores entrevistados afirmaram buscar conhecimentos sobre a modalidade de ensino que os mesmos lecionam. A **professora A** disse: “busco sim, pois não quero prejudicar meus alunos”. A **professora B** afirmou: “se o Estado nem a Escola [...] não disponibilizam estes tipos de programas tenho que buscar conhecimentos para lecionar”. O **professor C** também ressaltou “É claro, para ensinar seja na EJA, ou em qualquer lugar, o professor tem de buscar conhecimento, ou aperfeiçoar o que já conhece”. A **professora D** também relatou em seu depoimento “Nós como alfabetizadores, temos que está sempre por dentro do nosso trabalho e a cada dia aperfeiçoando os nossos conhecimentos”.

Outro ponto que questionamos aos entrevistados foi sobre a rotina de trabalho deles no tocante ao planejamento deles, como esses planejamentos ocorriam e se eram satisfatório para um bom desempenho em sala de aula? A resposta foi que os planejamentos ocorrem de forma semanal, isto é, a cada oito dias, e são feitos juntos aos demais educadores, com presença da coordenação, mas, segundo eles apesar de fazerem o planejamento antecipado das suas aulas, muitas vezes é necessário haver uma mudança no roteiro, o que acaba mudando o que foi planejado, a fim de satisfazer a necessidade de aprendizagem do discente em sala de aula.

Sendo assim, notarmos que apesar de está estabelecido na lei o dever do Estado em fornecer e garantir uma educação de qualidade ao cidadão brasileiro, bem com uma formação para os profissionais que atuam nesta área, é fácil deparamos com situações como essas que refletem o abandono do Estado para com a educação da população brasileira.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

No mundo em que vivemos é possível observarmos que um sujeito analfabeto enfrenta muitas dificuldades para conseguir obter ou conquistar uma vida digna, isto é, uma vida cidadã, já que o mundo vive em um processo evolutivo onde para as tarefas mais simples a serem realizadas é necessário que o sujeito tenha certo nível de leitura e escrita. Sendo assim, uma pessoa analfabeta encontra dificuldade para encontrar um emprego que possa suprir as necessidades básicas de um ser humano, como alimentação e vestimentas adequadas, etc. além da questão de empregabilidade um indivíduo analfabeto enfrentará problemas no tocante ao convívio social, pois, vivermos em uma sociedade contemporânea onde a leitura e escrita é considerada importante para uma boa interação social.

Diante desta realidade o cidadão brasileiro que não conseguiu cursar o nível de ensino fundamental na idade considerada regular, encontra na EJA a oportunidade de aprender a ler, escrever e contar. Diante desta realidade podemos afirmar que são inúmeras as dificuldades que os alfabetizadores dessa modalidade de ensino enfrentam no seu cotidiano, pois os alfabetizados encontram muitas dificuldades de aprendizagens e as condições de ensino e aprendizagens oferecidas pelo Estado não são favoráveis, apesar dos entrevistados esforçarem para oferecer aos discentes uma educação de qualidade.

Sendo assim, no presente estudo buscamos entender as dificuldades e desafios que os alfabetizadores desta modalidade de ensino enfrentam dentro da sala de aula, bem como o modo que esses alfabetizadores lidam com essas dificuldades e a formação docente que têm para ajudá-los nesse enfrentamento. Para entendermos essas questões, buscamos, sobre as falas dos alfabetizadores, fazer uma análise à luz do pensamento de alguns teóricos e para isso estudamos e empregamos autores, tais como: Fernandes (2009), Campelo (2009), entre outros, colocados como base para a fundamentação do nosso estudo.

Assim, este estudo nos possibilita afirmar que os desafios ou dificuldades encontradas por esses alfabetizadores em sala de aula podem interferir tanto no desenvolvimento do alfabetizador enquanto docente como na vida pessoal desses alfabetizadores, já que para alguns alfabetizadores, na maioria das vezes, esses problemas parecem não ter solução, o que causa uma baixa autoestima no alfabetizador, fazendo-o acreditar, algumas vezes, que não pode lecionar nessa modalidade de ensino. Porém, diferentemente, há outros alfabetizadores que preferem usar esses problemas como barreiras a serem superadas, provocando uma motivação e interesse em alfabetizar e seguir em frente, superando os problemas e também a si mesmo como seres humanos e profissionais, isto é, cada alfabetizador encontra uma

maneira ou alternativa de superar as dificuldades enfrentadas por eles nessa modalidade de ensino.

Desse modo, foi possível apontar as alternativas desenvolvidas por esses alfabetizadores para superar os desafios que enfrentam no seu dia a dia, e também mostrar a realidade que a modalidade de ensino (EJA) encontra-se, o que nos possibilita afirmar que o Estado como órgão responsável pela educação do povo brasileiro, tem negligenciado a educação do povo, e de modo especial, tem negligenciado a EJA. Dessa maneira, apesar de os alfabetizadores que entrevistamos estarem a um bom tempo alfabetizando na modalidade de ensino EJA, esses não recebem uma atenção no tocante a sua formação específica para lecionarem na área, assim, contam apenas com a sua auto formação para superar as dificuldades e conseguir alfabetizar os seus discentes da EJA.

A partir das nossas análises sobre os dados coletados, ratificamos que os alfabetizadores que participaram da pesquisa, apesar de fazerem parte de uma amostragem pequena, afirmam que as dificuldades enfrentadas na sala de aula desta modalidade de ensino são muitas, porém o desejo de alfabetizar seus alunos é maior, e apesar de enfrentarem tantas dificuldades, buscam superar, cada dia mais, essas dificuldades, fazendo com que as mesmas não venham a interferir tanto no desenvolvimento do seu trabalho.

Com este estudo, pudemos mostrar a importância de compreendermos as dificuldades enfrentadas por esses alfabetizadores, a necessidade de formação docente para os alfabetizadores da modalidade de ensino EJA, tendo em vista a falta de preocupação necessária por parte do Estado com a educação de jovens e adultos.

Referências

- ALMEIDA, S.M.V. Metodologia alternativa para a prática de ensino. **Educar em revista**, Curitiba, n. 4, Curitiba Jan./Dec. 1985. Disponível em <<http://www.scielo.br/>>. Acesso em: 04/07/2017.
- BRASIL. **Lei nº 10.097, de 19 de dezembro de 2000**. Altera dispositivos da Consolidação das Leis do Trabalho – CLT, aprovada pelo Decreto-Lei nº 5.452, de 1º de maio de 1943. Disponível em <<http://www.planalto.gov.br/>>. Acesso em: 04/07/2017.
- BRASIL. **Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996. Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional - LDB**. Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional. Disponível em <<http://www.planalto.gov.br/>>. Acesso em: 04/07/2017.
- CAMPELO, M.E.C.H. Alfabetizar jovens e adultos: das dificuldades docentes à busca de alternativas. in. A função reparadora na educação de jovens e adultos. **Revista Educação em questão**, Natal, v. 35, n.21, p.210-233, maio/ago, 2009.
- ESTEVES, M. M. T. A alfabetização e o letramento na educação de jovens e adultos. **Realize**, Piauí, p. 1-12, 2014. Disponível em <<http://editorarealize.com.br/>>. Acesso em: 04/07/2017.
- FERNANDES, D.G. **Ir-remediável campo de sonhos de futuro: Representações Sociais da Escola entre Jovens Estudantes de Escolas Públicas no Sertão Nordestino**. 2003. 298 f. Tese (Doutorado em Educação) – programa de pós- graduação em educação, universidade federal de São Carlos, São Carlos. 2003.
- FERNANDES, D.G. Educação de jovens e adultos no Brasil: conceitos, sujeitos e práticas educativas. **Interfaces de saberes**, v.5, n.1, jan/jun. 2004.
- FREIRE. P. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. 37 ed. São Paulo: paz e terra, 1996. (coleção leitura).
- GONÇALVES, D.D. **Ensino-aprendizagem de língua portuguesa Na educação de jovens e adultos: a relação Entre gêneros discursivos e discursos Constitutivos**. 2015. 143 f. Tese (mestrado em linguística) – programa de pós- graduação em letras, Universidade Federal de Goiás, Goiás. 2015.
- GÜNTHER, H. Pesquisa Qualitativa Versus Pesquisa Quantitativa: Esta é a Questão? **Psicologia: teoria e pesquisa**, Brasília, v.22, n.2, p. 201-210, 2006. Disponível em <<http://www.scielo.br/>>. Acesso em 05/07/2017.
- PIANA, M.C. **A construção do perfil do assistente social no cenário educacional**. [Online]. São Paulo: Editora UNESP; São Paulo: Cultura Acadêmica, 2009. 233 p. Disponível em <<http://books.scielo.org/>>. Acesso em 05/07/2017.
- SOARES. L. (Org.) **Formação de educadores de jovens e adultos**. Belo Horizonte: Autêntica/ SECAD-MEC/UNESCO, 2006.
- STRELHOW, T.B. Breve história sobre a educação de jovens e adultos no Brasil. **Revista histedrb** on-line, Campinas, n 38, p. 49-59, junho. 2010. Disponível em <<http://www.histedbr.fe.unicamp.br/>>. Acesso em: 05/07/2017.
- UNESCO. **Alfabetização de jovens e adultos no Brasil: lições da prática**.— Brasília : UNESCO, 2008.

Apêndices

Roteiro de questões para a entrevista:

1. Qual a sua formação?
2. Há quanto tempo você atua como alfabetizador da EJA?
3. Como alfabetizador da EJA deve ter conhecimento da necessidade que esses educadores desta modalidade de ensino têm de receber uma formação, além da que já é formado, isto é, uma especialização para que possa atuar nesta área. Você recebe ou já recebeu essa formação para lecionar na EJA? Se já, que formação é essa?
4. A instituição, Estado ou município, já que a Escola faz parte do município oferece algum programa no tocante à formação dos educadores da EJA?
5. Como ocorrem os planejamentos das aulas e a seleção de conteúdos para a alfabetização dos jovens e adultos?
6. Durante o período que você leciona na alfabetização de jovens e adultos, quais as dificuldades enfrentadas por você durante o processo de alfabetização dos educandos?
7. Diante destas dificuldades, quais os procedimentos que você como alfabetizador usa para solucionar essas dificuldades?
8. Como você lida com as diferenças de idades (faixas etárias) na sala de aula?
9. Como você lida com os discentes que possuem dificuldades de aprendizagens?
10. Na maioria das vezes a EJA depara-se com elevadas taxas de evasão escolar. Diante deste problema, quais estratégias você usa para amenizar essa evasão escolar?
11. Devido às dificuldades que o alfabetizador da EJA enfrenta, qual a sua formação, ou melhor, sua posição no tocante as dificuldades que você encontra na sala de aula? Como você busca lidar com essas dificuldades?



UNIVERSIDADE FEDERAL DE CAMPINA GRANDE
CENTRO DE FORMAÇÃO DE PROFESSORES
UNIDADE ACADÊMICA DE EDUCAÇÃO

CONVITE / BANCA EXAMINADORA

Eu, _____, aluno (a) matrícula
_____ do Curso de Pedagogia da Unidade Acadêmica de Educação, convido o (a)
professor (a) _____ para participar da Banca
Examinadora do Trabalho de Conclusão de Curso/Monografia intitulada

com data a ser marcada pelo (a) professor (a) responsável pela disciplina de TCC.

Assinatura do Prof. (a) Orientador (a)

Assinatura do Aluno (a)

Aceite do Prof. (a) convidado (a)

Cajazeiras, ____/____/____



Universidade Federal
de Campina Grande

Centro de Formação de Professores
Unidade Acadêmica de Educação
Campus de Cajazeiras - PB



TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Boa noite, meu nome é Camila Barbosa Lisboa sou aluna do curso de Pedagogia da Universidade Federal de Campina Grande e o/a Sr.(a) está sendo convidado(a), como voluntário(a), a participar da pesquisa intitulada formação e desafios da prática docente na alfabetização de jovens e adultos. A escolha desse tema surgiu a partir do meu interesse por essa área surgido no decorrer do curso de Pedagogia, como também a partir da experiência que vivenciei na EJA, trabalhando durante um ano como alfabetizadora. Nesse trabalho pude ver de perto as dificuldades vivenciadas no processo de alfabetização dos educandos jovens e adultos. Assim, a necessidade de estudar esse tema surge da necessidade de entender melhor como funciona o trabalho com a alfabetização de jovens e adultos, a atuação do alfabetizador na EJA e as dificuldades a serem superadas pelo alfabetizador para desempenhar o seu trabalho de modo satisfatório, e como a formação docente influi nesse processo. Este trabalho terá como objetivo Geral, analisar as dificuldades enfrentadas pelos alfabetizadores de jovens e adultos e o modo como eles lidam com as dificuldades do processo de ensino e aprendizagem, considerando-se a sua formação docente. E como objetivos específicos, Verificar como ocorre o processo de alfabetização na Educação de jovens e adultos; Identificar as dificuldades enfrentadas pelos alfabetizadores da EJA e as demandas de formação docente; Apontar como os alfabetizadores da Educação de jovens e adultos buscam solucionar essas dificuldades. Os procedimentos adotados para coleta de dados será uma entrevista semiestruturada, isto é seguiremos um roteiro contendo onze questões na qual será respondida pelos entrevistados, logo após esta etapa as respostas serão analisada e mantida em absoluto sigilo pela minha pessoa, não violando os direitos dos entrevistados. As intenções e motivações desse estudo deve-se ressaltar a necessária e devida contribuição da Universidade Pública na contínua referencialização do ensino superior por intermédio da indissociabilidade entre ensino e pesquisa, nesse caso, desdobradas nas frentes de trabalho da iniciação científica. Desejamos que o resultado desse trabalho possa contribuir com mais conhecimentos para e sobre a modalidade de ensino da EJA e enfatizar a importância deste tema para despertar o interesse de outros educadores para atuarem na área.

O (Os) dado(s) serão coletados da seguinte forma: o/a Sr.(a) irá participar de uma entrevista, estruturada em um roteiro, que aborda pontos relacionados ao modo que ressalta as dificuldades que o docente da educação de Jovens e adultos enfrentam na sala de aula, bem como eles lidam com essas dificuldades.

DESCONFORTOS, RISCOS E BENEFÍCIOS: Embora eu tenha o máximo de cuidado para com seu bem-estar é possível um eventual desconforto com as questões a lhe serem perguntadas ou, até mesmo, uma compreensão de sua parte de possível má interpretação de dados de minha parte. Entretanto, em todas as etapas dessa pesquisa, serão depreendidos todos os esforços possíveis para evitar riscos tais quais: constrangimentos, má interpretações nas análises e para com conclusões que não correspondam proporcionalmente a sua compreensão da dinâmica de trabalho em relação ao meu objeto de estudos. Como uma das garantias, sua confidencialidade será assegurada o seu anonimato, via letra inicial de sua profissão e número para sua identificação e indicar a sequencia dos sujeitos desse estudo e os dados revelados aqui serão tratados com absolutos padrões éticos, conforme Resolução CNS 466/12.

FORMA DE ACOMPANHAMENTO E ASSINTÊNCIA: A participação do/da Sr.(a) nessa pesquisa não implica necessidade de acompanhamento e/ou assistência posterior, tendo em vista que a presente pesquisa não tem a finalidade de realizar diagnóstico específico para o/a senhor/a, e sim identificar fatores gerais da população estudada. Além disso, como no roteiro de entrevista não há dados específicos de identificação do/da Sr.(a), a exemplo de nome, CPF, RG, outros, não será possível identificá-lo/a posteriormente de forma individualizada.

GARANTIA DE ESCLARECIMENTO, LIBERDADE DE RECUSA E GARANTIA DE SIGILO: O/A Sr.(a) será esclarecido(a) sobre a pesquisa em qualquer aspecto que desejar. O/A Sr.(a) é livre para recusar-se a participar, retirar seu consentimento ou interromper a participação a qualquer momento. A sua participação é voluntária e a recusa em participar não irá acarretar qualquer penalidade ou perda de prestação de serviços. Os/As pesquisadores/pesquisadoras irão tratar a sua identidade com padrões profissionais de sigilo. Os resultados da pesquisa permanecerão confidenciais podendo ser utilizados apenas para a execução dessa pesquisa. O/A Sr (a) não será citado(a) nominalmente ou por qualquer outro meio, que o identifique individualmente, em nenhuma publicação que possa resultar deste estudo. Uma cópia deste consentimento informado, assinada pelo Sr.(a) na última folha e rubricado nas demais, ficará sob a responsabilidade do pesquisador responsável e outra será fornecida ao/a Sr.(a).

CUSTOS DA PARTICIPAÇÃO, RESSARCIMENTO E INDENIZAÇÃO POR EVENTUAIS DANOS: A participação no estudo não acarretará custos para o/a Sr.(a) e não será disponível nenhuma compensação financeira adicional. Não é previsível dano decorrente dessa pesquisa ao/a Sr.(a), e caso haja algum, não há nenhum tipo de indenização prevista.

DECLARAÇÃO DO PARTICIPANTE OU DO RESPONSÁVEL PELO PARTICIPANTE:

Eu, _____, fui informado(a) dos objetivos da pesquisa acima de maneira clara e detalhada e esclareci todas minhas dúvidas. Sei que em qualquer momento poderei solicitar novas informações e desistir de participar da pesquisa se assim o desejar. A pesquisadora _____ certificou-me de que todos os dados desta pesquisa serão confidenciais, no que se refere a minha identificação individualizada, e deverão ser tornados públicos através de algum meio. Ele/a compromete-se, também, a seguir os padrões éticos definidos na Resolução CNS 466/12. Também sei que em caso de dúvidas poderei contatar a professor orientador Dorgival Fernandes, através do e-mail: dorgefernandes@yahoo.com.br. Além disso, fui informado que em caso de dúvidas com respeito aos aspectos éticos deste estudo poderei consultar o Comitê de Ética em Pesquisa do Centro de Formação de Professores, situado à Rua Sérgio Moreira de Figueiredo s/n - Casas Populares - Tel.: (83) 3532-2000 CEP 58900-000 - Cajazeiras – PB.

Declaro que concordo em participar desse estudo. Recebi uma cópia deste termo de consentimento livre e esclarecido e me foi dada a oportunidade de ler e esclarecer todas as minhas dúvidas.

_____ Nome	_____ Assinatura do Participante da Pesquisa	_____ / / Data
_____ Nome	_____ Assinatura do Pesquisador	_____ / / Data

